

ISSN: 2176-5960

PROMETEUS FILOSOFIA

setembro - dezembro de 2017

número 24

ISSN: 2176-5960

DERRIDA E DELEUZE: UMA INTRODUÇÃO À FILOSOFIA DA DIFERENÇA

Edson Peixoto Andrade
Universidade Federal de Sergipe
Mestrando em Filosofia
edsonpsique@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho objetiva analisar o conceito de diferença que surge quando, no esforço de desconstrução, procura-se desmascarar aqueles sentidos que foram forjados pela tradição e pela metafísica e que servem para encobrir o ser. O estudo desse conceito, tão caro à filosofia contemporânea, terá como parâmetros Gilles Deleuze e Derrida. Assim, num primeiro momento, discutiremos sobre o significado da diferença e o modo como ela aparece na filosofia. Em seguida, discutiremos a diferença em Gilles Deleuze, tendo como ponto de partida a obra *Diferença e Repetição*. Num terceiro momento, à luz da filosofia de Derrida, sobretudo nas obras *Margens da Filosofia* e *Gramatologia*, analisaremos a *différance* em Derrida que, juntamente com a desconstrução, constitui como que o pano de fundo de todo o desenvolvimento de seu pensamento.

Palavras-Chave: Ser. Filosofia Contemporânea. Desconstrução. Diferença.

Resumen: El presente estudio tiene como objetivo analizar el concepto de la diferencia que se produce cuando, en el esfuerzo de desconstrucción, busca desenmascarar aquellos significados que se forjaron por la tradición y la metafísica y que sirven para cubrir el ser. El estudio de este concepto tan caro a la filosofía contemporánea tendrá como parámetros Gilles Deleuze y Derrida. Por lo tanto, en principio vamos a discutir el significado de la diferencia y la forma en que aparece en la filosofía. A continuación, vamos a discutir la diferencia en Gilles Deleuze, tomando como punto de salida la obra *Diferencia y repetición*. En un tercer momento, a la luz de la filosofía de Derrida, especialmente en las obras *Márgenes de la filosofía* y *Gramatología* analizaremos la *différance* en Derrida que, junto con la desconstrucción, constituye como que el telón de fondo de todo el desarrollo de su pensamiento.

Palabras clave: Ser. Filosofía contemporánea. Desconstrucción. Diferencia.

Introdução

O presente trabalho objetiva analisar o conceito de diferença que surge quando, no esforço de desconstrução, procura-se desmascarar aqueles sentidos que foram forjados pela tradição e pela metafísica e que servem para encobrir o ser. O estudo desse conceito, tão caro à filosofia contemporânea, terá como parâmetros Gilles Deleuze e Derrida. Assim, num primeiro momento, discutiremos sobre o significado da diferença e o modo como ela aparece na filosofia. Em seguida, discutiremos a diferença em Gilles Deleuze, tendo como ponto de partida a obra *Diferença e Repetição*. Num terceiro momento, à luz da filosofia de Derrida, sobretudo nas obras *Margens da Filosofia* e *Gramatologia*, analisaremos a *différance* nesse filósofo que, juntamente com a desconstrução, constitui como que o pano de fundo de todo o desenvolvimento de seu pensamento.

2. Diferença em filosofia

O *Dicionário de Filosofia* conceitua a diferença como “determinação da alteridade” (ABBAGNANO, 2007, p. 276) sendo que “a alteridade não implica, em si, nenhuma determinação. Por exemplo, ‘a é outra coisa que não b’”¹. Nesse sentido, continua o *Dicionário*, “a diferença implica uma determinação: a é diferente de b na cor ou na forma etc.”², o que leva à seguinte conclusão: “as coisas só podem diferir se têm em comum a coisa em que diferem, por exemplo: a cor, a configuração, a forma etc.”³.

Para Aristóteles, “as coisas diferem em gênero se têm a matéria em comum e não se transformam uma na outra, (por exemplo, se são coisas que pertencem a diferentes categorias); diferem em espécie se pertencem ao mesmo gênero”⁴. Porfírio irá, segundo o supracitado *Dicionário*, apresentar algumas classificações da diferença; a saber, a constitutiva, divisiva, comum e própria. Tais classificações são aceitas até hoje, tanto na filosofia quanto fora dela. (ABBAGNANO, 2007).

3. A diferença em Deleuze

Feito esse preâmbulo, passamos a analisar de forma sucinta a diferença no filósofo francês Gilles Deleuze. Em sua obra *Diferença e Repetição*, no capítulo primeiro intitulado “A diferença em si mesma”, Deleuze inicia seu estudo do conceito de diferença e discorre a

¹ Ibid., p. 276.

² Ibid., p. 276.

³ Ibid., p. 276.

⁴ Ibid., p. 276.

seu respeito. Nesse trabalho serão apresentados apenas alguns elementos da exposição de Deleuze. Para começar, é importante frisar que diferentemente de Derrida, para Deleuze, a diferença é um conceito – abordando os dois aspectos da *indiferença*, a saber, o *abismo indiferenciado* ou “nada negro” e também o “nada branco”.

Para Deleuze, o conceito de diferença se apresenta nos seguintes termos: “a diferença é este estado em que se pode falar de A determinação” (DELEUZE, 2006, p. 36). Para o filósofo, “a diferença “entre” duas coisas é apenas empírica e as determinações correspondentes são extrínsecas”⁵, e acrescenta: “a diferença é esse estado de determinação como distinção unilateral. Da diferença, portanto, é preciso dizer que ela é estabelecida ou que ela se estabelece como na expressão ‘estabelecer a diferença’” (DELEUZE, 2006, p. 36).

Deleuze levanta a seguinte questão: “é preciso representar a diferença?”. Em sua resposta, ele aborda os quatro aspectos da representação ou a quádrupla raiz, a saber: “a identidade na forma do conceito determinado, a analogia na relação entre conceitos determináveis últimos”⁶ e ainda “a oposição na relação de determinações no interior do conceito [e] a semelhança no objeto determinado do próprio conceito”⁷. Para Deleuze, “estas formas são como as quatro cabeças ou os quatro liames da mediação”⁸.

Outro ponto abordado pelo filósofo francês diz que “a diferença em geral se distingue da diversidade ou da alteridade”⁹, pois, segundo ele, “dois termos diferem quando são outros, não por si mesmos, mas por alguma coisa”¹⁰ e aqui, aborda a questão da contrariedade e da contraditoriedade deixando claro que, somente “uma contrariedade na essência ou na forma nos dá o conceito de uma diferença que seja ela mesma essencial”¹¹.

O filósofo apresenta a diferença específica como aquela que aparentemente responde às exigências de um conceito, e cita os elementos que são necessários a um conceito e que estão presentes na diferença; a saber, o fato de que ela é pura, qualitativa, apresenta-se como uma qualidade da própria essência, além de ser sintética. A diferença é também: mediação; produção; causa formal e também se apresenta como predicado de tipo particular¹². Por fim, Deleuze levanta a questão da subordinação que se faz da diferença com relação à oposição, à analogia e à semelhança e que é derivada da confusão que se dá quando há:

⁵ Ibid., p. 36.

⁶ Ibid., p. 38.

⁷ Ibid., p. 38.

⁸ Ibid., p. 38.

⁹ Ibid., p. 38.

¹⁰ Ibid., p. 38.

¹¹ Ibid., p. 39.

¹² Ibid., p. 39.

[...] o estabelecimento de um conceito próprio da diferença com a inscrição de diferença no conceito em geral – confunde-se a determinação do conceito de diferença com a inscrição da diferença na identidade de um conceito indeterminado.¹³

Em outras palavras, se confunde o conceito, a ideia de diferença, com aquilo que se pode perceber de diferente entre os conceitos. A diferença não é apenas o que difere entre conceitos comparados; ela é um conceito que se estabelece e que, portanto, como todos os conceitos, provoca consequências ao ser estabelecido. Para Deleuze, quando isso acontece, “a diferença fica sendo apenas um predicado na compreensão do conceito”¹⁴ e assim, perde sua capacidade de ser conceito.

4. Jacques Derrida: o filósofo da *différance*

Outro filósofo que trabalha a questão da diferença é Jacques Derrida, o qual será abordado a partir de agora no presente trabalho.

No capítulo primeiro da obra *Margens da Filosofia*, Derrida trabalha a *différance*, ou *diferença*, (a tradução “*diferença*” indica a opção do tradutor da obra), a qual se apresenta como neografismo criado por Derrida e que servirá ao intuito de discorrer sobre a questão da diferença na filosofia. O texto está estruturado do seguinte modo: inicialmente é apresentada uma justificativa da nova grafia em questão. A partir daí, o filósofo aborda alguns elementos principais da teoria linguística de Saussure e introduz a ideia de *diferença* construindo uma abordagem semântica e filosófica da mesma. Por fim, aborda a ideia da diferença ontológica como uma possibilidade de se fazer filosofia seguindo outros percursos que não o da estrita e necessária vinculação ser/ente.

No primeiro momento do seu texto, Derrida justifica a construção de uma nova grafia, a saber, a *différance*, com um “a” em lugar do “e”. Mudança que não é perceptível no plano da audição e que só pode ser constatada quando da leitura dos termos grafados.

O primeiro ponto que Derrida levanta, quando apresenta o neografismo, é que este vem a faltar com relação à ortodoxia que estabelece regras para as escrituras. A *diferença* vai de encontro “à lei que rege o escrito e contém as suas normas de conveniência” (DERRIDA, 1991, p. 33). Aqui já se sente a tônica que o filósofo vai dar para justificar esta grafia. Pode-se dizer que se trata de uma escrita que transgride as normas, as regras e que, desse modo, está habilitada a falar, por si mesma, da diferença na Filosofia. Além disso, a *diferença* “não é a

¹³ Ibid., p. 40.

¹⁴ Ibid., p. 40.

letra, nem uma palavra, nem um conceito”¹⁵. A “diferença gráfica [...] escreve-se ou lê-se, mas não se ouve, não se entende”¹⁶. Pode-se dizer que “ela [a diferença] atravessa a ordem do entendimento”¹⁷. Entendimento, de acordo com o tradutor, no sentido de “passar” pelo interior de alguma coisa, bem como “transpor” para além dela os seus limites.¹⁸

De acordo com Carvalho (2003), a definição de signo, na teoria de Saussure, poderia ser feita através da imagem da relação entre a união do sentido do que se diz com a imagem acústica que se faz ao escutar. Sentido seria o mesmo que o conceito ou a ideia, ou seja, a representação mental que se faz de um objeto ou realidade social desde que escutamos determinadas palavras. Por exemplo, ao se escutar a palavra casa, faz-se imediatamente uma imagem mental do que seria uma casa para aquele que escuta.

No pensamento de Jacques Derrida, a diferença no campo da grafia entre o “e” e o “a” só pode funcionar dentro de um sistema de escrita fonética e no interior de uma língua ou de uma gramática. Esse silêncio do interior de uma escrita fonética “assinala e recorda” que “não há escrita fonética”. Ela não pode funcionar sem admitir em si mesma “signos não fonéticos (pontuação, espaçamento)” e esses signos não fonéticos “toleram mal o conceito de signo”¹⁹.

Dito isso, tem-se que “o jogo da diferença” que, de acordo com Saussure é “a condição de possibilidade e funcionamento de qualquer signo, esse jogo é ele mesmo silencioso” (DERRIDA, 1991, p. 36), por exemplo, “a diferença entre dois fonemas [...] é inaudível [...] se não há, pois, uma escrita inteiramente fonética é porque não há phonê puramente fonética”²⁰.

Derrida postula a respeito de uma nova ordem que resistiria à oposição – que é fundante da Filosofia – entre o sensível e o inteligível. De acordo com o filósofo, há a possibilidade de se objetar que “a diferença gráfica [...] não assume nunca a plenitude de um termo sensível”²¹, o que nos leva à “necessidade de nos deixar remeter aqui para uma ordem que não pertence mais à sensibilidade”²², nem pertence “à inteligibilidade, a uma idealidade”²³. A ordem a que somos remetidos é aquela “que resiste à oposição fundadora da

¹⁵ Ibid., p. 34.

¹⁶ Ibid., p. 34.

¹⁷ Ibid., p. 34.

¹⁸ Ibid., p. 35

¹⁹ Ibid., p. 36.

²⁰ Ibid., p. 36

²¹ Ibid. p. 36.

²² Ibid., p. 36.

²³ Ibid., p. 36.

filosofia entre o sensível e o inteligível”²⁴. Esse ponto será retomado e aprofundado em outra parte do capítulo.

Segundo o filósofo, há um “movimento de *diferença* [...] que não pertence nem à voz, nem à escrita [...] que se mantém como o espaço estranho [...] entre palavra e escrita [...]”²⁵, além da familiaridade que nos liga a uma e outra ou à ilusão de que são diferentes²⁶. Derrida confessa que falar do “a” da diferença não é tarefa fácil, e a justificativa para tal dificuldade consiste no fato de que a *diferença* não pode ser exposta. Tal justificativa será explicada em cinco pontos. Primeiro: ao tempo em que a diferença é aquela que torna possível a apresentação do ente presente, ela “nunca se apresenta como tal”²⁷; segundo: reservando-se e não se expondo, ela – a *diferença* – excede de modo preciso e controlado a “ordem da verdade sem se dissimular como alguma coisa” ou como um “ente misterioso” (DERRIDA, 1991, p. 37); terceiro: no momento em que a *diferença* se expusesse a aparecer, ela desapareceria: “em qualquer exposição ela expor-se-ia a desaparecer como desaparecimento. Arriscar-se ia a aparecer: a desaparecer”²⁸; o quarto ponto que explica a impossibilidade de expor a *diferença* tem a ver com a sua identidade. Na visão de Derrida “a *diferença* não é, não existe, não é um ente-presente [ou] qualquer que ele seja”²⁹. Dito de outro modo, “ela [a *diferença*] não tem nem existência, nem essência”³⁰; quinto: A *diferença* é irreduzível à reapropriação ontológica ou teológica e atua como que “abrindo inclusivamente o espaço no qual a onto-teologia – a filosofia – produz o seu sistema e a sua história, a compreende, a inscreve e a excede sem retorno.”³¹

Nesse ponto do texto, o autor passa a analisar a *diferença* em si e discorre sobre a constatação de que a *diferença*, em seu traçado, se apresenta como estratégica e aventureira. Estratégica no sentido em que nenhuma verdade, quer transcendente, ou quer presente, pode comandar teologicamente “fora do campo da escrita a totalidade do campo”³². Mas a *diferença* também é aventureira uma vez que não segue a linha do discurso filosófico-lógico nem a linha do discurso empírico-lógico.³³

²⁴ Ibid., p. 36.

²⁵ Ibid., p. 36.

²⁶ Ibid., p. 36

²⁷ Ibid., p. 37.

²⁸ Ibid., p. 37.

²⁹ Ibid., p. 37.

³⁰ Ibid., p. 37.

³¹ Ibid., p. 37.

³² Ibid., p. 37-38.

³³ Ibid., p.38

A partir daí, Jacques Derrida iniciará a análise semântica da *diferença* apresentando duas formas de se compreender o termo *diferir*. A primeira fala de diferir enquanto temporização. Diferir, nesse sentido, seria temporizar, recorrer, consciente ou inconscientemente, à mediação temporal e temporizada de um desvio que suspende a consumação e a satisfação do “desejo” ou da “vontade”, realizando-o de fato de um modo que lhe anula ou modera o efeito³⁴. Outro sentido de diferir diz respeito ao não ser idêntico. Esse o sentido “mais comum e o mais facilmente identificável: não ser idêntico, ser outro, discernível etc.”³⁵.

Segundo o filósofo, a palavra diferença (com “e”) não remete nem para o sentido de temporização, nem para o outro sentido. A palavra diferença (com “e”) não pode, segundo Derrida, remeter para nenhum dos dois sentidos apresentados. Nesse contexto, a *diferença* (com “a”) serve ao intuito de compensar essa perda de sentido podendo, de forma simultânea, remeter para a totalidade de suas significações, uma vez que é imediata e irredutivelmente polissêmica. A *diferença*, no dizer de Derrida, reenvia-nos “para o núcleo infinitivo e ativo do diferir” (DERRIDA, 1991, p. 40). Ela “neutraliza aquilo que o infinitivo denota como simplesmente ativo, da mesma forma que ‘movência’ não significa na nossa língua o simples fato de mover, de se mover ou ser movido”³⁶.

Nesse ponto, o filósofo levanta o seguinte questionamento: como a diferença enquanto temporalização e espaçamento se ajustam entre si? Na esteira desse questionamento, Derrida aborda a questão do signo, o qual “faz as vezes do presente”³⁷.

Conceitualmente, o signo se apresentaria como a presença diferida. Depois de diferir a presença, um signo seria pensável a partir dessa presença que ele difere bem como, tendo em vista, essa presença diferida. Nesse contexto, o signo seria uma substituição secundária e provisória da coisa mesma. Secundária enquanto faz as vezes de uma “presença original e perdida”, e provisório tendo em vista que não é a coisa mesma mas a representa como que apontando a ausência da coisa do qual ele deriva³⁸. Para Derrida, isso traz consequências. A primeira delas é que, não se pode compreender a *diferença* a partir do conceito de signo, uma vez que este representa uma presença e está regulado em vista dessa presença. Em segundo

³⁴ Ibid., p. 39.

³⁵ Ibid., p. 39.

³⁶ Ibid., p. 40.

³⁷ Ibid., p. 40.

³⁸ Ibid. p. 40-41.

lugar, Derrida põe em “questão a autoridade da presença ou do seu simples contrário simétrico, a ausência ou a falta”.³⁹

Aqui o filósofo aborda a questão da necessidade da diferença para o funcionamento dos elementos da significação dizendo que “só pode haver arbitrário na medida em que o sistema de signos é constituído por diferenças, não por termos plenos”⁴⁰, uma vez que tais elementos de significação só podem funcionar “pela rede de oposições que os distingue e os relacionam uns com os outros”⁴¹. Isso, na visão de Derrida, afeta o significado, que é o conceito ou o sentido ideal, e também afeta o significante, o qual designa a “imagem” de um fenômeno material, físico, acústico, por exemplo⁴².

Derrida lembra que todo conceito está inscrito num sistema, no qual remete para os outros conceitos “pelo jogo sistemático das diferenças”⁴³. De acordo com o filósofo, o que há numa língua são as diferenças e, por sua vez, tais diferenças são efeitos. Elas – as diferenças – “são efeitos produzidos, mas efeitos que não têm por causa um sujeito ou uma substância, uma coisa em geral, um ente presente em qualquer parte que escapasse ele mesmo ao jogo da *diferença*” (DERRIDA, 1991, p. 44).

Na continuidade do texto, Derrida apresentará o movimento de *diferença*: “designaremos por *diferença* o movimento pelo qual a língua, ou qualquer código, qualquer esquema de reenvios em geral se constitui ‘historicamente’ como tecido de diferenças”⁴⁴. Esse movimento da *diferença* é compreendido por Derrida como o “rastros” o qual “não é somente a desaparecimento da origem, ele quer dizer aqui [...] que a origem não desapareceu sequer, que ela jamais foi retroconstituída a não ser por uma não-origem, o rastro, que se torna, assim, a origem da origem”⁴⁵.

De acordo com Sausurre, “a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos”⁴⁶. Nesse sentido, pode-se afirmar que, para o sujeito se tornar um ser falante, é necessário que ele tenha contato com o sistema das diferenças no plano da linguagem. De acordo com Derrida, “o sujeito apenas se torna *significante* (em geral, pela fala ou por outros signos) inscrevendo-se no sistema das diferenças”⁴⁷.

³⁹ Ibid., p. 40.

⁴⁰ Ibid., p. 42.

⁴¹ Ibid., p. 42.

⁴² Ibid., p. 42.

⁴³ Ibid., p. 42.

⁴⁴ Ibid., p. 44.

⁴⁵ Ibid., p. 44.

⁴⁶ Ibid., p. 47.

⁴⁷ Ibid., p. 48.

Outro ponto que o filósofo aborda é sobre a consciência. Para Derrida, a consciência se apresenta, na maioria das vezes como “presença a si” ou mesmo “percepção de si da presença”. No entanto, ele interroga esse privilégio absoluto “dessa forma ou dessa época da presença em geral que é a consciência como querer-dizer na presença a si”⁴⁸. Para Derrida,

Acabamos, portanto, por estabelecer a presença – e singularmente a consciência, o estar junto a si** da consciência – não mais como a forma matricial absoluta do ser, mas com uma “determinação” e como um “efeito”. Determinação ou efeito no interior de um sistema que não é mais o da presença, mas o da diferença, e que tolera tampouco a oposição da atividade e da passividade como a da causa e do efeito ou a da indeterminação e da determinação etc., de tal modo que ao designarmos a consciência como um efeito ou como uma determinação continuamos, por razões estratégicas que podem ser mais ou menos lucidamente deliberadas e sistematicamente calculadas, a operar segundo o léxico daquilo mesmo que delimitamos.⁴⁹

No texto, Derrida irá tratar da consciência a partir de Nietzsche e Freud. Para o primeiro, segundo Derrida, “a grande atividade principal é inconsciente e que a consciência é o efeito de forças cuja essência, as vias e os modos não lhe são próprias” (DERRIDA, 1991, p. 49). No caso de Freud, Derrida vai dizer que “os dois valores aparentemente diferentes da diferença enlaçam-se na teoria freudiana: o diferir como discernibilidade, distinção, afastamento, diastema, *espaçamento*, e o diferir como desvio, demora, reserva, *temporização*.” (DERRIDA, 1991, p. 50)

Para Derrida, a *diferença* provoca um abalo na dominação do ente. “É a determinação do ser em presença ou em ente(i)dade que é, portanto, interrogada pelo pensamento da diferença”⁵⁰. Para o filósofo, o surgimento dessa questão era inevitável e sua primeira consequência é o fato de que “a diferença não é” e isso a torna ameaçadora. O *rastro*, nesse contexto, “não pertence mais ao horizonte do ser, mas cujo jogo suporta e contorna** o sentido do ser: jogo do rastro ou diferença que não tem sentido nem é. Que não pertence”⁵¹. E acrescenta: “sempre diferante, o rastro não é nunca como tal, em apresentação de si. Apaga-se apresentando-se, silencia-se ressoando, como o *a* escrevendo-se, inscrevendo *a* sua pirâmide na *diferença*”.⁵²

Na continuidade vai dizer: “a diferença não comparece*. Mantém-se esquecida. Só o diferenciado – o presente e a presença [...] se revela, mas não *enquanto* diferenciado. Pelo

⁴⁸ Ibid., p. 49.

⁴⁹ Ibid., p. 49.

⁵⁰ Ibid., p. 55.

⁵¹ Ibid., p. 56.

⁵² Ibid., p. 57.

contrário, o rastro matinal [...] da diferença apaga-se desde que a presença surge como um ente-presente”.⁵³

Em sua *Gramatologia* (2006), Derrida postula sobre a impossibilidade de se pensar o rastro sem, ao mesmo tempo, pensar na “retenção da diferença numa estrutura de remessa onde a diferença aparece como tal e permite desta forma uma certa liberdade de variação entre os termos plenos” (2006, p. 57) e, assim, diz que se faz necessário que o *rastro* seja pensado antes do ente; no entanto, deixa claro que compreende a dificuldade uma vez que “o movimento do rastro é necessariamente ocultado, produz-se como ocultação de si. Quando o outro anuncia-se como tal, apresenta-se na dissimulação de si”⁵⁴. Dessa forma, o *rastro* pode ser pensado, mas não pode ser explicitado, pois da explicitação se teria o seu desaparecimento. O *rastro* é aquilo que indica, que insiste, porém, que está sempre oculto. O *rastro* se produz na ocultação de si.

Derrida diz que as diferenças irão aparecer nesta zona de impressão e *rastro* “na temporalização de um vivido que não é nem no mundo nem num ‘outro mundo’”⁵⁵. Nesse sentido, a diferença que surge nessa dinâmica do aparecendo e aparecer, entre aquilo que chama “mundo” e “vivido” seria a condição para “todas as outras diferenças, de todos os outros rastros, e ela já é um *rastro*” (DERRIDA, 2006, p. 79).

Um elemento fundamental para se compreender essa ideia de *rastro* e diferença é o fato de que, segundo Derrida, “o rastro se dá [...] a decifrar”⁵⁶. Nesse contexto, para o filósofo, o *rastro* seria “a origem absoluta do sentido em geral”,⁵⁷ no entanto, ao se dizer isso, afirma-se “que não há origem do sentido em geral. O *rastro* é a diferença (diferença) que abre o aparecer e a significação”.⁵⁸

5. Considerações

Compreender a questão da Diferença é de fundamental importância quando se quer estudar o percurso que a filosofia vem trilhando na contemporaneidade. Embora o tema da diferença, como vimos, não seja obra da contemporaneidade, certamente é nesse momento da Filosofia que ela marca bem a sua presença e exige um estudo mais aguçado.

⁵³ Ibid., p. 58.

⁵⁴ Ibid., p. 57.

⁵⁵ Ibid., p. 79.

⁵⁶ Ibid., p. 79.

⁵⁷ Ibid., p. 79.

⁵⁸ Ibid., p. 80.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad. de Alfredo Bossi. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DERRIDA, Jacques. *Margens da Filosofia*. Trad. de Joaquim Torres Costa e Antonio M. Magalhães. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

_____. *Gramatologia*. Trad. de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2006.